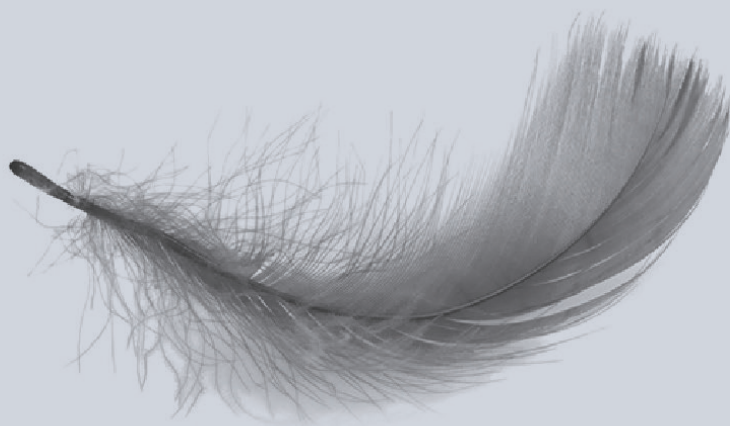


Volume 9
DEZEMBRO 2018

O TEMPO

Se..., Não...

REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE
E PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA



Se..., Não...

Revista Portuguesa de
Psicanálise e Psicoterapia
Psicanalítica

Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Editor / Publisher

Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Director / Director

Carlos Amaral Dias, PhD

(Professor Catedrático; Psicanalista e Presidente da Comissão de Ensino da AP)

Editor Chefe / Editor in Chief

Ana Almeida

(Psicanalista; Membro Titular da AP)

Co-edição / Co-editors

Alexandra Medeiros, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Catarina Rodrigues, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Isabel Botelho, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Conselho Editorial / Editorial Board

Ana Batarda, MsC

(Psicoterapeuta e Terapeuta Familiar; Fundador e Associado da AP);

Ana Vasconcelos, MSc

(Pedopsiquiatra; Membro da Direção e da Comissão de Ensino da AP)

Ângela Lacerda Nobre, PhD

(Doutorada em Gestão; Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Setúbal, Fundadora e Associada da AP);

António Alvim, MSc

(Psicoterapeuta Psicanalítico; Fundador e Associado da AP);

António Coimbra de Matos, MSc

(Psicanalista; Psiquiatra; Presidente da Direcção da AP);

António Mendes Pedro, PhD

(Visiting Professor da Universidade Paris XIII e Professor Associado da Universidade Autónoma; Psicoterapeuta, Psicanalista e Psicossomaticista; Fundador e Associado da AP);

Camilo Inácio MSc

(Psicólogo Clínico; Associado da AP);

Carlos Alberto Afonso, PhD

(Professor Associado do ISPA; MFAPA e MFTTP da AP)

Carlos Campos Morais, MSc

(MFaPA da AP, Investigador-Coordenador apos. do LNEC, Membro Emérito da Academia de Engenharia;

Clara Pracana, PhD

(Psicanalista, Professora Convidada do Instituto Superior Miguel Torga, do ISMAT e do ISPA; Consultora; Fundador e Associado da AP);

Conceição Almeida, MSc

(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP);

Cristina Nunes, MSc
(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino e da Direcção da AP);

Elisabete Fradique, MSc
(Psiquiatra e Psicoterapeuta; Fundadora Associada da AP);

Filipe Arantes Gonçalves, MSc
(Psiquiatra, Psicoterapeuta; Fundador e Associado da AP);

Henrique Garcia Pereira, PhD
(Professor Catedrático do IS; Escritor);

Isabel Plantier MSc
(Psicoterapeuta Psicanalítica; Associada da AP);

João Ferreira, MSc
(Psicólogo Clínico; Associado da AP);

João Justo, PhD
(Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa);

João Pedro Dias MSc
(Psicólogo Clínico; Fundador e Associado da AP);

Jorge Caiado Gomes, PhD
(Professor da Universidade Atlântica; Fundador Associado da AP);

José Carlos Coelho Rosa, MSc
(Psicanalista; Vice-Presidente da Direcção e Membro da Comissão de Ensino da AP);

José de Matos Pinto, PhD
(Psicólogo Clínico; Professor Coordenador da ESE de Coimbra; Fundador e Associado da AP);

José Gouveia Paz, PhD
(Professor Auxiliar da UAL; Psicoterapeuta);

José Henrique Dias, PhD
(Professor Jubilado da UNL; Director da Escola Superior de Altos Estudos do ISMT);

Manuela Gonçalves dos Santos, MSc
(Grupanalista; Fundador e Associado da AP)

Maria do Rosário Belo, MSc
(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP);

Maria do Rosário Dias, PhD
(Professora Associada no Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz;
FundadoraAssociada da AP);

Mário Horta, PhD
(Psicanalista; Membro da Direcção da AP);

Michael Knock, PhD
(Professor Associado do ISMT; Teólogo);

Conselho Editorial Internacional/ Internacional Editorial Board

Judith Parker, PhD
(Psychoanalyst in private practice) – Beverly Hills – California);

Lynn Somerstein, PhD
(Director of the Institute of Expressive Analysis; Book Review Editor Psychoanalytic Review;
Psychoanalyst in Practice – New York);

Nancy Burke, PhD
(Associate Professor of Clinical Psychiatry and Behavioural Science in Northwestern
University Feinberg School of Medicine – Chicago);

Rochelle Suri, PhD
(Licenced Marriage & Family Therapy; Associate Director of the International Journal of
Transpersonal Psychology – San Francisco – California);

Sandra Segan, PhD

(Member of the WMAAPP (Western Massachusetts and Albany Association for
Psychoanalytic Psychology; Psychoanalyst in Practice-New York)

«Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica. Contudo, também são aceites, de forma complementar, textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e as diversas facetas do Desenvolvimento Humano

© 2018, AP – Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

TÍTULO

Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

CAPA

Maria Soromenho

PAGINAÇÃO/IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Manuel Oliveira

DEPÓSITO LEGAL - 314677/10

ISSN - 1647-7367

DATA DE EDIÇÃO DIGITAL

1.^a edição, Lisboa, Dezembro de 2018

Índice

Editorial Alexandra Medeiros	11
Posterioridade/Anterioridade Psicanálise <i>Nachträglichkeit</i> Carlos Amaral Dias	15
Comentário à conferência do Professor Carlos Amaral Dias Patrícia Câmara	29
O mistério da personalidade não psicótica Ana Gaspar	37
O tempo que não passa? Ana Vasconcelos	49
O tempo cairológico na psicoterapia André Toso	55
Tempo, ilusão e narcisismo no tratamento da perturbação da hiperatividade e défice de atenção - implicações neurológicas e na saúde mental Miguel Estrada e Nuno Pangaio	65
O processo artístico contemporâneo como experiência do tempo e do sentimento de ser Rita Pereira Marques	81
O tempo de qualidade na parentalidade Teresa Heitor Ferreira	87

Atemporalidade no autismo Alexandra Raposo Medeiros	93
Instruções aos Autores	113

O tempo de qualidade na parentalidade

Teresa Heitor Ferreira

Psicóloga, psicanalista e membro fundador da AP
teresaheitorf@gmail.com

RESUMO

Neste artigo retratamos o Tempo de Relação como constructo da saúde mental. Refletimos sobre tempo psicológico/tempo real como promotores do desenvolvimento da criança. Abordamos alguns retratos da parentalidade nesta relação com o Tempo, o Ser e o Estar. Descrevemos, ainda, a forma como a sociedade atual é pouco promotora do Tempo de Relação. Frases que dizemos e ouvimos todos os dias, porque afinal temos um tempo, um prazo real que se vai esgotando e alimentando a nossa neurose - a angústia de morte.

Palavras-Chave: Tempo; Relação; Vinculação; Parentalidade; Afetos; Desenvolvimento.

Dar tempo aos afetos é construir as asas dos sonhos de Futuro.

“Não tenho tempo.” “Quanto tempo tenho?” “Não tenho mais tempo...” “O tempo não chega.” “Já acabou o tempo.”

Mas a questão ainda se complica mais quando parece que concetualizamos o tempo com o valor do ouro, mas o tratamos na prática como se de plástico descartável se tratasse.

Na relação parental, ouvimos algumas vezes dizer que o que importa é o tempo de qualidade, mas não é assim!

É verdade que a importância da qualidade do tempo está diretamente relacionada com a qualidade da relação, com a escuta atenta, com a capacidade empática com o outro, com a vivência de experiências em comum que vão fazer parte do universo da memória afetiva de alguém. Todavia, sem tempo físico, é difícil construir a relação, a qual provavelmente será pincelada por esta ou aquela experiência de relação positiva, mas sem um constructo consistente de identidade e de capacidade relacional.

Como diz Winnicott (1988) “a base de todas as teorias sobre o desenvolvimento da personalidade humana é a continuidade, a linha da vida, que provavelmente tem início antes do nascimento concreto do bebê; continuidade em que está implícita a ideia de que nada daquilo que faz parte da experiência do indivíduo se perde ou pode jamais vir a perder-se para este indivíduo...” Assim, o tempo de relação fica inscrito para sempre em nós, sendo desejável que o mesmo seja contínuo e de qualidade em nome da saúde mental.

A construção e alimentação das emoções das nossas crianças só acontece com tempo real.

Diz Bernard Golse (2007) que “a criança verifica muito cedo ser competente para decodificar as modalidades do estilo interativo do adulto que dela cuida, ou seja, o estilo relacional do objeto primário assim como as suas variações, graças à sua capacidade para inscrever na psique uma espécie de médias de todas as experiências interativas prévias, e será à luz dessa média que ela “medirá” a eventual distância da nova sequência interativa por ela vivida”. Ou seja, se as crianças forem expostas a um padrão constante de qualidade,

mas intermitente temporalmente, assimilam internamente um padrão de descontinuidade “positiva”. Quero com isto dizer que, havendo experiências relacionais “boas”, de qualidade, na vida destes indivíduos, o sentimento de insegurança, de inconstância e de imprevisibilidade vai matizando o seu psiquismo. É da minha experiência clínica, o caso de alguns deprimidos que toda a sua vida buscam emoções que conhecem e viveram com prazer e inconstância perseguindo para sempre o “bom” conhecido, mas com um sentimento recorrente da inalcançável consistência e com o fantasma da perda e do abandono.

É também comum assistirmos a cuidadores que têm de facto muito tempo real com a criança, mas não têm tempo psicológico para investir nesta relação. É, como vemos tantas vezes, o caso das mães deprimidas.

Será então a junção da qualidade do tempo psicológico do cuidador da criança *versus* disponibilidade do tempo real do mesmo que promove a verdadeira relação de qualidade como herança perpétua na saúde mental da criança.

Sabemos todos o valor do tempo, mas subvalorizamo-lo frequentemente quando no dia-a-dia a “culpa” de não estar lá nos faz camuflar o real valor deste.

O tempo de relação não está na moda. É oposto à tendência social que vivemos, na qual temos muito mais para dizer e para mostrar do que para ouvir, observar, sentir, entrar em relação. Como descreveu Gilles Lipovetsky (1989) na “Era do vazio”, numa sociedade capitalista, predominantemente narcísica, a nossa identidade afirma-se por aquilo que fazemos e que consumimos.

Muitas vezes, a ambivalência deixa-nos tolhidos por essa culpa que não suportamos, e é aqui que passamos a acreditar que o tempo é um plástico descartável e que recuperamos os estragos no ambiente das nossas relações de afeto noutra tempo mais à frente. Não é sempre assim. Há experiências relacionais que ocorrem só naquele momento na linha do tempo. A recuperação do tempo do passado é como um penso numa ferida onde a pele psíquica não terá a mesma textura de uma experiência vivida no tempo real. Será por exemplo o caso do processo psicoterapêutico, o qual cura, mas sempre assente sobre a cicatriz daquilo que foi vivido lá atrás, em tempo real.

Quanto mais pequenas são as crianças mais esta urgência temporal é uma realidade. As experiências relacionais desadequadas têm, nesta fase, a capacidade de, em tempo real muito curto, fazer estragos irreversíveis no psiquismo. Todos sabemos que, o ritmo de tempo na vida de um bebé tem equivalência a vários anos de vida de um adulto, este último num tempo mais lento e menos urgente na formação de uma personalidade. Mas a ambivalência está no facto de, por outro lado, nos aproximarmos mais do fim do nosso tempo – da morte. Como se passássemos a estar cada vez mais atentos ao nosso próprio relógio de areia.

Oscilamos entre a importância que damos ao tempo na construção dos afetos das nossas crianças e o querer ser. Ser pessoa inteira no mundo, desenvolver a nossa individualidade, as nossas capacidades, projetar talvez aquilo que recebemos e que damos no exercício da parentalidade num sonho de nos revermos no mundo.

Os pais lutam, muitas vezes, nos seus ritmos desenfreados de uma vida que lhes exige compromisso atrás de compromisso e que lhes vai tirando o tempo para viver, para sentir, para construir o que fica nos outros, nos filhos, quando o tempo físico se esgota numa vida às vezes cheia de objetivos funcionais cumpridos, os quais alimentaram a sua autoestima, o seu ego, onde se completa o seu narcisismo mas onde não tiveram tempo para dar espaço, estar e ficar inscrito na construção do outro, naquilo que lhes dá a identidade humana, o prazer de estar com o outro, a empatia, o amor. Essa lamechice, que às vezes nos inibe e parece tornar-nos menores, básicos. Mas é a experiência do básico que nos constrói as asas que nos fazem sonhar, sonhar ou como diria o Buzz Lightyear, no Filme “Toy Story”: “Para o infinito e mais além!”.

REFERÊNCIAS

Golse, B. (2007). *O Ser-bebé*. Lisboa: Climepsi

Lipovetsky, G., (1989). *A Era do Vazio*. Lisboa: Relógio de água

Winnicott, D. (1988). *Os bebés e as suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

TITLE

Quality time in parenthood

ABSTRACT

In this article, we picture Relationship Time as a builder of mental health. We reflect upon psychological time/real time as promoters of child development. We approach some parenthood portraits of this relation with Time and Being. Furthermore, we shall describe the way in which contemporary society seldom stimulates Relationship Time.

Key words: Time, Relationship, Attachment. Parenthood, Development.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

ÂMBITO EDITORIAL

A «Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica e textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e os outros ramos da cultura, da ciência e da arte.

POLÍTICA EDITORIAL

A AP está empenhada em assegurar a ética na publicação e qualidade dos artigos. Como tal, é esperado que todas as partes envolvidas – autores, editores, revisores e editora – sigam os padrões de comportamento ético definidos internacionalmente.

Os autores devem garantir que o seu trabalho é inteiramente original e, se utilizados trabalhos ou excertos de outros trabalhos já publicados, esse facto deverá ser declarado. A prática de plágio, em qualquer das suas formas, constitui um comportamento anti-ético de publicação e é inaceitável. O

autor correspondente deve garantir que existe um consenso pleno de todos os co-autores na aprovação da versão final do documento e na sua submissão para publicação.

Os editores comprometem-se a avaliar os manuscritos exclusivamente com base na sua mais-valia académica e científica. Um editor não deve usar informações não publicadas nos seus próprios trabalhos, sem o expreso consentimento por escrito do autor.

Os revisores comprometem-se a tratar quaisquer trabalhos recebidos para avaliação como documentos confidenciais. Informação privilegiada ou ideias obtidas através de revisão por pares devem ser mantidas em sigilo e não devem ser utilizadas para proveito pessoal. Os comentários ou correções serão conduzidos de forma objetiva e as observações formuladas serão claras e devidamente argumentadas, para que os autores possam usá-los para melhorar o artigo.

Regemo-nos por um sistema de arbitragem anónima por avaliadores externos (referees), através de um procedimento de Double Blind (duplamente cego): neste processo os intervenientes (autores, revisores e gestores de artigo) são tornados anónimos. O artigo é enviado para dois (ou mais) Pares Revisores, que o examinam e arbitram sobre a sua qualidade. O editor enviará ao autor informação sobre a eventual aceitação para publicação; reformulação e submissão para nova avaliação por pares; ou não aceitação. No caso de reformulação, os autores receberão os pareceres e recomendações dos Pares Revisores e deverão proceder às alterações recomendadas.

Os autores autorizam a AP a guardar a informação relacionada com o artigo (textos e dados de identificação dos autores). Estes dados podem ser apagados mediante solicitação do autor(es) por email enviado à revista.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

– Todos os artigos apresentados à Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica deverão ter um Título, um Resumo, a descrição

dos Autores, um corpo de texto e Referências Bibliográficas. O artigo terá que ter Título e Resumo em português e em inglês.

– Os resumos deverão ter entre 150 e 200 palavras e deverão ser seguidos de quatro a seis palavras-chave.

– Os autores (num máximo de seis), devem ser identificados com o nome, instituição(s) onde exercem, funções e os contactos (morada, e-mail e telefone).

– Os artigos não deverão ultrapassar as 15 páginas (salvo algumas exceções), já incluindo referências, notas, tabelas, e figuras. Os últimos três elementos deverão ser evitados, exceto quando forem indispensáveis para a compreensão do texto.

– Só são aceites notas de rodapé na primeira página do artigo relativas ao título e à identificação do autor.

– Todas as outras notas, devem ser apresentadas apenas quando forem consideradas essenciais.

– As fotografias, figuras, esquemas e gráficos devem ter um título e ser enumeradas por ordem de inclusão no texto.

ORGANIZAÇÃO FORMAL DOS ARTIGOS

Primeira página

1. O título do artigo, que deverá ser conciso;
2. O nome do autor ou autores (devem usar-se apenas dois ou três nomes por autor);
3. O grau, título ou títulos profissionais e/ou académicos do autor ou autores;
4. O serviço, departamento ou instituição onde trabalha(m).

Segunda página

1. O nome, telefone, endereço de correio eletrónico e endereço postal do autor responsável pela correspondência com a revista acerca do artigo;
2. O nome, endereço de correio eletrónico e endereço postal do autor a quem deve ser dirigida a correspondência sobre o artigo após a sua publicação na revista.

Terceira página

1. Título do artigo nas línguas necessárias (Português/Inglês);
2. Resumo do artigo nas línguas necessárias;
3. Quatro a seis palavras-chave nas línguas necessárias;

Páginas seguintes

As páginas seguintes incluirão o texto do artigo, devendo cada uma das secções em que este se subdivide começar no início de uma página.

TRATAMENTO EDITORIAL

Os textos recebidos são submetidos a um processo de validação administrativa. Os textos que estejam de acordo com as normas são identificados por um número. Será considerada como data de receção do artigo o último dia de receção da versão eletrónica do artigo e dos anexos necessários. Os artigos aceites serão distribuídos a um editor responsável, que fará uma apreciação sumária e apresentará o artigo em reunião dos Co-Editores.

Os artigos que estejam de acordo com as normas e que se enquadrem na missão da revista entrarão num processo de revisão por pares. Aos revisores será pedida a apreciação crítica de artigos submetidos para publicação.

Essa avaliação incluirá as seguintes áreas: atualidade, fiabilidade científica, importância clínica e interesse para publicação do texto. De forma a garantir a isenção e imparcialidade na avaliação, os artigos serão enviados aos revisores sem a identificação dos respetivos autores e cada artigo será apreciado por dois. Caso exista divergência de apreciação entre revisores, os editores poderão convidar um terceiro revisor. A decisão final sobre a publicação será tomada pelo editor chefe com base nos pareceres dos revisores. As diferentes apreciações dos revisores serão integradas pelo editor responsável e comunicadas aos autores. Os autores não terão conhecimento da identidade ou afiliação dos revisores ou do editor responsável.

A decisão relativa à publicação pode ser no sentido da recusa, da publicação sem alterações ou da publicação após modificações. Neste último grupo, os artigos, após a realização das modificações propostas, serão reapreciados pelos revisores originais do artigo. Desta reapreciação resultará uma apreciação final por parte do editor responsável e a decisão de recusa ou de publicação, da qual os autores serão informados.

REGRAS DE CITAÇÃO E DE REFERENCIAÇÃO

As regras de citação e de referenciação devem ser elaboradas de acordo com as normas sugeridas pela A.P.A. (American Psychological Association).

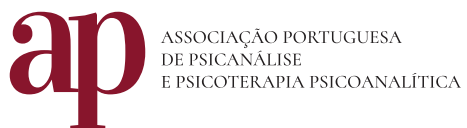
CORRESPONDÊNCIA EDITORIAL E SUBMISSÃO DE TEXTOS

Revista de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica “Se..., Não...”

Largo do Andaluz, n. 15, 2-Esq

1050-004 Lisboa

Tel.: 913 906 073 * revista.psicanalise.ap@gmail.com



Órgão oficial da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP)

Email: ap.psicanalise@gmail.com

Site: www.apppp.pt

Tm: 913906073

Largo do Andaluz 15 - 2º Esq. 1050-004 Lisboa